

# 'Ao encontro do Eu:' (Re) interpretação do Eu através do Autorretrato

*'The Meeting of the Self:' (Re)interpretation  
of Self through Self-portrait*

CARLA LIMA\* & MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES RAMOS\*\*

Artigo completo submetido a 15 de maio de 2017, e aprovado a 29 de maio 2017.

\*Universidade de Lisboa, Licenciatura em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL), Mestrado em Ensino de Artes Visuais. Alameda da Universidade, 1649-013 Lisboa, Portugal. E-mail: carlalima\_26@hotmail.com

\*\*Portugal, Licenciatura em Artes Plásticas — Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), Doutoramento pela Faculdade de Belas da Universidade de Barcelona (FBAUB) em Educação Artística. Afiliação com a Escola Maria Amália Vaz de Carvalho. Rua Rodrigo da Fonseca N° 115, 1099-069 Lisboa, Portugal. E-mail: conceicao.ramos@esmavc.org

**Resumo:** O artigo apresenta um projeto que foi desenvolvido em contexto escolar. Foi desenvolvido em duas fases: parte do desenho do autorretrato e propõe a auto reconstrução através da caricatura. O processo foi de natureza transdisciplinar, tendo envolvido as disciplinas de Desenho A e Oficina de Arte favorecendo o desenvolvimento da individualidade de cada aluno. A metodologia apontou para a desconstrução da imagem do aluno e, depois, para a sua reconstrução. O projeto permitiu ao discente meditar sobre o seu autoconceito, a sua individualidade, a sua entidade, as suas dificuldades, contrariedades, embaraços. A partir do conhecimento de si, da aceitação das suas diferenças e semelhanças em relação aos outros, o aluno poderá crescer enquanto pessoa e artista.

**Palavras-chave:** desconstrução/reconstrução / autorretrato / criatividade / autoconceito.

**Abstract:** *This article presents a project developed in a school context. The project was build upon in two phases: it starts by drawing a self-portrait and then suggests a self-reconstruction by caricature. The process is of transdisciplinary nature, as it involves the subjects of Drawing A and Art Workshop that favor the developing of individuality of each student. The methodology points to a deconstruction of the student's image and then to its own reconstruction. The project allows the students reflection on their self-concept, individuality, entity, difficulties, setbacks and embarrassments. From the self-knowledge and self-acceptation in their differences and similarities with others, the student may grow as a person and an artist.*

**Keywords:** *deconstruction/reconstruction / self-portrait / creativity / self-concept.*

## Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão em torno do desenho, como ferramenta que potencia de forma criativa o entendimento do próprio indivíduo. A criatividade é considerada uma capacidade humana e o Desenho revela-se como uma linguagem para o crescimento do percurso inventivo do sujeito.

Compreende-se as artes como a área da aprendizagem que mistura o processo e os conteúdos pedagógicos. O “aprender fazendo” torna-se o modo de interiorizar conhecimentos e de desenvolver aptidões intelectuais; desenvolver capacidades físicas, a percepção, o espírito crítico e o pensamento criativo e ativo nos processos de expressão e comunicação.

Desta forma, aproximarmos de uma atividade que procura refletir sobre o aluno enquanto indivíduo que critica, reflete, constrói, cria. Por isso, cabe ao professor de arte dar espaço a várias possibilidades de entendimento, a várias perspectivas de criatividade. Ser capaz de debater e refletir de forma aberta e crítica sobre a sua própria compreensão à luz dos valores e teorias, incluindo a importância sobre a relação da criatividade com a autoestima e o autoconceito, neste caso, em estudantes do ensino secundário.

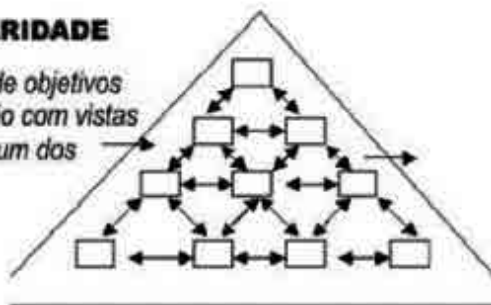
### 1. Desenho como potencial criativo

A pedagogia artística toma a sala de aula como um espaço de transformação onde se aprende através do diálogo colaborativo e criativo. O ato de desenhar, além de se poder tornar prazeroso e gratificante, surge como uma ferramenta que indicará novas metas. Uma pessoa criativa é aquela que é capaz de processar as informações que lhe chegam e cria intuitivamente possibilidades de transformar os dados comuns numa nova criação, que ultrapassa a matéria-prima. O Desenho faz apelo à inteligência por recriar o seu juízo. Como lembra a professora Betty Edwards, o processo de desenhar torna-se assim um ato especial por interligar o cérebro, que seleciona, analisa, calcula, com o gesto, que delinea, define formas e com a visão, da qual mal nos podemos separar (Betty Edwards, 2010). A capacidade de ver, ou a forma como cada um vê as formas, pode enriquecer as capacidades para o Desenho.

O desenho não depende só daquilo que se quer representar, ele vive do seu autor, que nele é revelado. Depende de uma ação visual e não somente de uma condição do pensamento intelectual. Ter acesso a uma informação através do visual é diferente de ter acesso à mesma informação através do intelectual. Quando se treina o cérebro para determinadas funções, como o aprender a ver, a analisar o real, desenvolvem-se capacidades que ajudam a compreender e a estruturar atividades como o desenho. (Betty Edwards, 2010).

## TRANSDISCIPLINARIDADE

*Sistema de níveis e de objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.*



**Figura 1** · Transdisciplinaridade —  
Modelo de Jantsch. Fonte: Roque (s.d.).

**Figura 2** · Aluna a trabalhar a grafite a  
sua caricatura. Fonte: própria.



**Figura 3** · Exemplos de evolução do exercício de Desenho: autorretrato a grafite, Caricatura a grafite e caricatura a partir da linha a tinta da china. Fonte: própria.

**Figura 4** · Exemplos de evolução do exercício de Desenho: autorretrato a grafite, Caricatura a grafite e caricatura a partir da linha a tinta da china. Fonte: própria.

Ser criativo é uma mais-valia nas sociedades ocidentais, pois apresenta-se como uma ferramenta de diferenciação. A aprendizagem por descoberta estimula a criatividade porque estimula a tolerância, a independência, a liberdade de expressão e promove a curiosidade nas salas de aula. Pode-se então afirmar que no contexto do ensino, cabe aos professores não ancorar a crítica no seu gosto pessoal, mas sim discutir ideias, sendo fundamental que os estudantes sintam os seus trabalhos apreciados (Veiga, 2010). O professor deve valorizar a individualidade do aluno proporcionando-lhe um percurso exploratório e de auto descoberta da sua própria individualidade e linguagem.

## 2. Enquadramento Transdisciplinar

O projeto, como fio condutor de conteúdos, toma como conceito a transdisciplinaridade, indo ao encontro de filosofias atuais. As disciplinas artísticas, pelas suas características podem e devem proporcionar a capacidade de aprendizagens através de projetos criativos transdisciplinares.

Com estes processos criam-se espaços de atividade que têm em conta o ser humano na sua globalidade numa “forma de liberdade, de autonomia e de afirmação da individualidade da existência humana” (Barbier, 1993:25). A transdisciplinaridade tem a função organizadora de compreender o complexo da realidade mais do que a junção de disciplinas com conteúdos individuais. As disciplinas colaboram entre elas de forma a partilhar conhecimentos, profundamente integradores através de um pensamento organizador. Unem-se disciplinas de forma a construir uma unidade complexa e integradora, com o intuito de repensar e reformar o pensamento.

“O objetivo é demonstrar a importância das práticas para o desenvolvimento da versatilidade, organização, integração e compreensão dos conteúdos que veiculam o conhecimento holístico, tendo em conta a dimensão da vida ao nível do sentimento, emoção e sensibilidade. (...) Evitar a exclusão significa ajudar os alunos a construir a sua identidade pessoal. É fundamental proporcionar didáticas que fomentem as relações entre os indivíduos, baseadas no respeito pela singularidade individual.” (Ramos, 2014).

Ari Paulo Jantsch, citado por Theophilo Roque (s.d.), apresentou de forma esquemática uma visão clara das inter-relações entre objetivos múltiplos na transdisciplinaridade (Figura 1).

## 3. Reconstrução do autoconceito a partir da arte: ‘Ao encontro do Eu’

Esta viagem pedagógica iniciou-se com a representação do autorretrato, detalhado, rigoroso, respeitando o real. Uma observação analítica e estruturada do



**Figura 5** - Construção da máscara a partir da caricatura. Fonte: própria.

**Figura 6** - Exposição dos trabalhos dos alunos (máscaras, desenhos do autorretrato, caricatura a grafite e caricatura a partir da linha da tinta da china). Fonte: própria.

rosto, em que os estudantes procuram a forma real, no conceito fotográfico, repleto de modelação de valores de claro-escuro. Numa segunda fase foi proposto a realização da caricatura (Figura 2). Pediu-se aos alunos que se autorrepresentassem com um conceito crítico e jocoso — caricatura. Nessa representação os alunos exploraram sobre a forma de acentuação e/ou nivelamento de um desenho, algumas das características físicas que consideraram como determinantes para definirem o que são, transformando o retrato em bom humor. Foi uma maneira diferenciada e única de aprender a desenhar e reconhecer a fisionomia humana e reinterpretá-la. A tarefa de deformar a sua própria imagem surgiu como método exploratório da forma. Os alunos manifestaram uma enorme dificuldade em brincar com o realismo da sua representação. Foi-lhes difícil brincar com a sua própria forma, o seu aspeto, caminharem no sentido do exagero de forma a manter a sua identidade. Ter a capacidade de conseguir trocar deles mesmos, reconhecer as suas particularidades e características. Foi uma tarefa reveladora e árdua.

Identificadas as dificuldades nos estudos para a caricatura foi feita uma apresentação aos alunos de exemplos de caricaturas feitas por artistas variados. Esse processo de análise e referenciação foi fundamental para a motivação e para a desinibição no que se refere á conquista da capacidade de rirem deles mesmos tendo atingido resultados curiosos, tendo muito deles conseguido divertirem-se com o processo. Numa última fase foi-lhes pedido que transformassem a caricatura numa linguagem linear continua e expressiva que salientasse as suas características. Os desenhos finais mostraram-se realmente interessantes, cada aluno realizou soluções individualizadas e inesperadas que surpreenderam (Figura 3 e Figura 4).

No final deste percurso foi proposto um novo desafio: a transformação da caricatura em máscara. Os alunos partiram para o estudo tridimensional da caricatura, no intuito de a transformar numa máscara deles próprios. Após diversos esboços e planificações que ambicionavam formas geométricas e tridimensionais, construiu-se sobre cartão a estrutura da máscara (Figura 5). Alguns dos alunos atreveram-se a ir para além da utilização do material obrigatório, o cartão, e utilizaram também arame, papel de jornal, pasta de papel, plástico, tampas de garrafas, entre outros. Após a elaboração das máscaras, algumas mais complexas que outras, seguiu-se a fase da pintura. Os resultados saltaram mais uma vez à vista, com a criação de estruturas tridimensionais apelativas, criativas e expressivas. As novas construções artísticas libertaram os alunos, já quase sem medo de brincar com as formas e experimentar materiais e técnicas que os “retratasse”.

O projeto culminou com um desfile pela escola e a exposição dos trabalhos no Dia da Escola. As máscaras foram suspensas, na estrutura do varandim e os trabalhos bidimensionais no placar. Toda a comunidade educativa pode observar a exposição dos trabalhos da caricatura a grafite e com tinta-da-china, para apreciar a individualização técnica e expressiva obtida por cada aluno (Figura 6 e Figura 7). No último dia de aulas antes, da interrupção letiva, os alunos disfarçaram-se com as máscaras deles próprios, seguradas por paus de cana (Figura 8). Esta atividade permitiu-lhes de alguma forma, reconstruírem-se, voltarem-se a descobrir a si mesmos. Este projeto, repleto de atividades faseadas, permitiu a desconstrução do conceito de autorrepresentação do indivíduo facilitando a descoberta do Eu, a auto percepção e o reconhecimento individual.

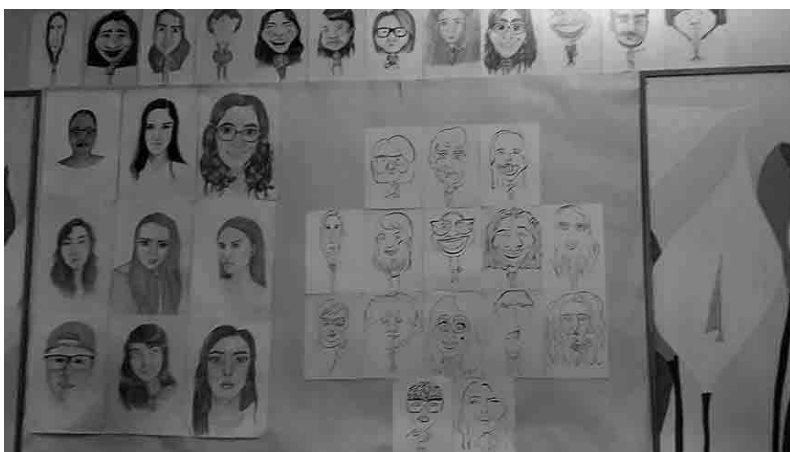
O grande desafio foi a possibilidade de criar indivíduos diferentes. Foi para além da escola massificadora que a partir dos conteúdos e das metodologias, normaliza e afunila para um pensamento único. Com este projeto conseguimos que cada um crescesse e se desenvolvesse, tornando-se cada vez mais distinto. O ensino das artes pode produzir formas de vida mais intensas e verdadeiras, por propor a realização de tarefas que partem de processos criativos e por isso respeitadoras dos indivíduos. As artes alteram psicologicamente e emocionalmente o indivíduo, desenvolvendo a sua identidade.

O projeto teve como intenção guiar os alunos por um percurso criativo de auto descoberta levando-os a libertarem-se de preconceitos sobre a representação, que funcionam como bloqueios mentais tais como o medo do ridículo, o receio de errar, o temor de se exporem. Num percurso entre a representação bi e tridimensional (do autorretrato à caricatura e à máscara) exploraram-se formas, construíram-se expressões num processo de libertação da própria imagem.

#### **4. O papel do outro na construção da pessoa**

Para os alunos foi difícil entrar no processo de desconstrução do seu rosto por terem receio do “feio”, de não serem “aceites” pelo outro. O outro apresenta-se, para eles, como uma função fundamental que os limita e os contém. Os alunos mostraram a tendência de realizar as tarefas para o outro admirar, em função do gosto do outro. É a vontade de ser aceite e de estar integrado na sociedade. A sociedade que julga o defeituoso, o deformado, o incompleto.

O medo da transgressão, de fazer diferente é comum. Não era descabido o receio dos alunos de Oficina de Artes. De facto, a conceção que forma e conteúdo são inseparáveis é uma das lições que as artes melhor ensinam. Os educadores devem assumir o importante papel de promover junto dos alunos os valores mais profundos como a promoção do estudo autónomo, a procura de



**Figura 7** · Exposição dos trabalhos dos alunos (máscaras, desenhos do autorretrato, caricatura a grafite e caricatura a partir da linha a tinta da china).  
Fonte: própria.

**Figura 8** · Desfile de máscaras. Fonte: própria.

possibilidades alternativas e a antecipação de satisfações intrínsecas, seguras através do uso da mente. Segundo Ó & Carvalho (2009) "As mentes, ao contrário dos cérebros, não são inatas; as mentes são também uma forma de realização cultural. Os tipos de mentes que nós desenvolvemos são profundamente influenciados pelas oportunidades de aprender o que a escola fornece."

O tipo de projetos que o professor propõe o aluno por si só também um modo de pensar. Ousou-se pedir que os alunos desconstruíssem o seu rosto. Tarefa espinhosa, mas foi uma forma de aprenderem a projetarem-se a eles próprios, mais do que a satisfação estética que o trabalho em si torna possível.

O ensino da caricatura foi capaz de incluir plasticidade e criatividade, a refinação do sistema sensorial e o cultivo da capacidade imaginativa. O ensino das artes é fulcral, pode despoletar o sentido de vitalidade e a explosão de emoções. As ideias que se exploram com os alunos, os desafios que se lhes colocam desenvolverão o apetite pela aprendizagem e pela crítica. O trabalho/obra de arte e o trabalhador/aluno/artista fundem-se, a noção de tempo perde-se à medida que o material está a ser trabalhado. A focalização desenvolve-se. As artes não são só um conjunto de técnicas excessivamente manuais, pouco críticas e pouco reflexivas, elas são importantes para a educação e o que nelas se aprende acompanharão os alunos ao longo da sua vida.

O ser diferente, o não ser aceite, pode conduzir ao medo de assumir o que somos e procurar sempre o que é eticamente correto. Vivemos numa sociedade que ensina a bloquear ideias e resguardar a curiosidade e a emoção. Tem-se receio de se ser motivo de crítica, de se ser considerado ridículo, de forma a evitar sentimentos de perda ou de fracasso. Há que exigir novas experiências, desafios que permitem dar espaço para a criatividade, desmoronando restrições. Dessa forma o professor deve fomentar no aluno a capacidade de questionar, refletir, mudar, impulsionando estímulos de criatividade.

## Conclusão

Na partilha de pontos programáticos entre as disciplinas de Desenho A e Oficina de Artes, foi apresentado aos alunos o desafio de desenvolver a consciência de uma entidade, levando-os a descobrir criativamente o 'Eu'. A metodologia utilizada foi a de projeto. Realizou-se a articulação entre as disciplinas de Desenho A e de Oficina de Artes, tendo em conta os pontos programáticos comuns. Uniram-se as duas disciplinas para o desenvolvimento do projeto "Ao encontro do Eu". A cooperação entre as disciplinas amplia o conhecimento e enriquece o trabalho e tornou-o multidisciplinar (ambas forneceram informações válidas e imprescindíveis) e transdisciplinar (houve interação, podendo-se integrar

mútuos conceitos). Procedimentos, Sintaxe e Sentido no estudo da figura humana — estrutura anatómica da cabeça dando particular atenção à expressão (enquanto elemento visual representativo e de reconhecimento pelo outro) usando como referência a imagem refletida em espelho e fotografias atuais e de infância com o objetivo de compreensão do desenvolvimento (crescimento) da forma, foram os conteúdos trabalhados em Desenho A. As questões relacionadas com a comunicação visual, com a capacidade de manipulação sensível dos materiais e das técnicas, o estímulo à procura de uma linguagem individual, o desenvolvimento de competências de trabalho em equipa necessárias à concretização das diferentes fases metodológicas do projeto, obtiveram especial atenção Oficina de Artes.

O potencial criativo e imaginativo do cérebro parece infinito e o Desenho poderá ser uma potencial forma para desenvolver essas capacidades e para que os outros as conheçam. O Desenho torna-nos visíveis. O Desenho traz para o papel ou outro suporte material o nosso interior. E sublinha Albrecht Dürer: “A partir do desenho, o desenho, o tesouro que secretamente amalhou no seu coração se tornará evidente através do seu trabalho criativo.”

A arte desenvolve a imaginação. As atividades artísticas são positivas por possibilitarem aos alunos verem as coisas de maneira diferente, com mais cuidado e atenção. O papel do professor no desenho e na área das artes deverá construir ferramentas que apuram a sensibilidade e a afetividade e fornecem meios para a vivência artística e cultural que encaminham o aluno a ser capaz de desenvolver as suas capacidades pessoais, através do seu envolvimento e poderá atingir metas mais abstratas e complexas.

O inesperado surpreende-nos, porque nos instalamos com demasiada segurança nas nossas teorias, nas nossas convicções e estas têm dificuldade para acolher o novo. Como diria o pensador Edgar Morin “El único conocimiento que vale es aquél que nutre de incertidumbre. El único pensamiento que vive es aquél que se mantiene a la temperatura de su propia destrucción.”

O nosso ensino precisa de explorar outras fronteiras cognitivas, expandir a nossa conceção de mente. A escola deve, então, promover uma mudança de perspetiva relativa aos objetivos educacionais e esta mudança passa por uma alteração no tipo de trabalho que propomos. Este projeto foi um exemplo disso.

O autoconceito baseia-se no constructo que ajuda a compreender aspetos importantes do comportamento humano, como a uniformidade, a consciência e a coerência da conduta observável, a noção de identidade e a manutenção de certos estereótipos de ação na continuidade do tempo. Dentro do autoconceito realça-se a autoestima que deriva dos processos de avaliação que o indivíduo

faz das suas qualidades, desempenhos ou virtudes. As artes são parte central da experiência humana com um papel importante na formação por garantir regras básicas que reforçam a cidadania. Promovem a autoestima, autoconfiança e a autoexpressão. Quando os alunos se vêem capazes de realizar um trabalho é-lhes pessoalmente gratificante. A própria exposição e apresentação dos trabalhos desenvolvidos promovem a autoestima.

Desta forma há que estudar como ajudar os alunos a ultrapassar as dificuldades que não são visíveis. Como docentes a utilização do desenho como ferramenta de representação e crítica poderá ser o fio condutor para o próprio desenvolvimento do sujeito. Levar o aluno a entender-se a si mesmo e ao meio em que se insere. No combate a estereótipos, às restrições e medos de exprimir a sua linguagem individual e de permitirem o conhecimento de si mesmo e do outro. Há que por isso promover atitudes criativas, que racionalmente estimulem para o desenvolvimento imaginativo. Aqui deixamos um contributo por o considerarmos válido devido ao desenvolvimento da consciência da autorrepresentação, por parte dos alunos.

### Referências

- Barbier, J. M. (1993). *Elaboração de projetos de ação e planificação*. Porto: Porto Editora.
- Edwards, Betty (2010). "Desenhando com o Lado Direito do Cérebro." Tradução de Ricardo Silveira. Editora Ediovro Singular, 4ª edição. Título original: *Drawing on the Right Side of the Brain*, 1979.
- Ó, Jorge Ramos do & Carvalho, Luís Miguel (2009). *Emergência e circulação do conhecimento psicopedagógico moderno (1880-1960): Estudos comparados Portugal-Brasil*. Educa & ui&dce [consult. 2016-11]. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/assets/7/prof.%20ramos%20do%20o%cc%81%20-%20emerg%cc%82%2%90ncia%20e%20circula%20c%cc%a7a%cc%83o%20do%20conhecimento%20psicopedago%cc%81gico.pdf>>
- Ramos, C. (2014). "Artes visuais e transdisciplinaridade na era da complexidade: uma prática pedagógica continuada." *Revista Lusófona de Educação*, 26, 99-118.
- Roque, T. (s.d.). *A transdisciplinaridade e a modernidade*. [consult. 2017-05]. Disponível em <<http://www.sociologia.org.br/tex/ap40.htm>>.
- Veiga, I. P. A. (2010). "Docência como atividade profissional." In: Veiga, I. P. A.; D'Ávila, C. (Org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. 2. ed. Campinas: Papirus.